

psicótico. Algo semelhante parece ocorrer, segundo ele, no nível grupal, em relação à religião, quando esta se coloca como refúgio.

Voltando, para finalizar, à questão da companhia e da concessão de direito à ilusão, ela é bastante sugestiva no que diz respeito à função do analista, qual seja, a de concessão de direito, materializada na própria companhia, especializada, para o trabalho da ilusão daquele que o procura para ser curado.

Referências

- Freud, S. (1976). Introductory lecture XXIII: The paths to the formation of symptoms [Conferência XXIII: Os caminhos da formação dos sintomas]. In S. Freud, *Pelican Freud Library* (Vol. 1, p. 404-424). London: Cox and Wyman. (Trabalho original publicado em 1916).
- Freud, S. (1985a). Group psychology and the analysis of the ego [Psicologia de grupo e a análise do ego]. In S. Freud, *Pelican Freud Library* (Vol. 12, p. 91-178). London: Cox and Wyman. (Trabalho original publicado em 1921).
- Freud, S. (1985b). The future of an illusion [O futuro de uma ilusão]. In S. Freud, *Pelican Freud Library* (Vol. 12, p. 179-242). London: Cox and Wyman. (Trabalho original publicado em 1927).
- Freud, S. (1986a). Totem and taboo [Totem e tabu]. In S. Freud, *Pelican Freud Library* (Vol. 13, p. 43-224). London: Cox and Wyman. (Trabalho original publicado em 1913).
- Freud, S. (1986b). Moses and monotheism [Moisés e o monoteísmo]. In S. Freud, *Pelican Freud Library* (Vol. 13, p. 237-386). London: Cox and Wyman. (Trabalho original publicado em 1938).
- Freud, S. (1988a). Psychopathic character-types on the stage [Tipos psicopáticos no palco]. In S. Freud, *Pelican Freud Library* (Vol. 14, p. 119-128). London: Cox and Wyman. (Trabalho original publicado em 1906).
- Freud, S. (1988b). Creative writers and day-dreaming [Escritores criativos e devaneio]. In S. Freud, *Pelican Freud Library* (Vol. 14, p. 129-142). London: Cox and Wyman. (Trabalho original publicado em 1908).
- Freud, S. (1988c). Some character-types met with in psychoanalytic work [Alguns tipos característicos encontrados no trabalho psicanalítico]. In S. Freud, *Pelican Freud Library* (Vol. 14, p. 291-320). London: Cox and Wyman. (Trabalho original publicado em 1916).
- Freud, S. (1991a). Formulations on the two principles of mental functioning [Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental]. In S. Freud, *Pelican Freud Library* (Vol. 11, p. 29-44). London: Cox and Wyman. (Trabalho original publicado em 1911).
- Freud, S. (1991b). On narcissism: An introduction [Sobre o narcisismo: Uma introdução]. In S. Freud, *Pelican Freud Library* (Vol. 11, p. 59-99). London: Cox and Wyman. (Trabalho original publicado em 1914).
- Freud, S. (1991c). Instincts and their vicissitudes [Os instintos e suas vicissitudes]. In S. Freud, *Pelican Freud Library* (Vol. 11, p. 105-139). London: Cox and Wyman. (Trabalho original publicado em 1915).
- Freud, S. (1993a). Neurosis and psychosis [Neurose e psicose]. In S. Freud, *Pelican Freud Library* (Vol. 10, p. 209-218). London: Cox and Wyman. (Trabalho original publicado em 1923).

- Freud, S. (1993b). The loss of reality in neurosis and psychosis [A perda da realidade na neurose e na psicose]. In S. Freud, *Pelican Freud Library* (Vol. 10, p. 219-228). London: Cox and Wyman. (Trabalho original publicado em 1924).
- Freud, S. (1995). *Projeto de uma psicologia* (O. F. Gabbi Jr., trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1895).
- Winnicott, D. W. (1975a). Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In D. W. Winnicott, *O brincar e a realidade* (p. 13-44). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1951).
- Winnicott, D. W. (1975b). Sonhar, fantasiar e viver: Uma história clínica que descreve uma dissociação primária. In D. W. Winnicott, *O brincar e a realidade* (p. 45-58). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1968).
- Winnicott, D. W. (1988a). Nota sobre normalidade e ansiedade. In D. W. Winnicott, *Da pediatria à psicanálise* (p. 57-76). São Paulo: Francisco Alves. (Trabalho original publicado em 1931).
- Winnicott, D. W. (1988b). A defesa maníaca. In D. W. Winnicott, *Da pediatria à psicanálise* (p. 199-217). São Paulo: Francisco Alves. (Trabalho original publicado em 1935).
- Winnicott, D. W. (1988c). A observação de bebês em uma situação padronizada. In D. W. Winnicott, *Da pediatria à psicanálise* (p. 112-132). São Paulo: Francisco Alves. (Trabalho original publicado em 1941).

Resumo

Freud se interessou pela relação da ilusão com o fazer artístico, traçando, em paralelo, sua trajetória no sujeito. A ilusão origina-se da onipotência do narcisismo primário e da realização alucinatória do desejo, para se dispor, mais tarde, ao brincar e ao mundo da fantasia. A realidade exige, desde o início, um respaldo por parte do objeto para esse *playground*, palco e cenário da vida psíquica. Tal concepção coloca em evidência os alicerces da contribuição winnicottiana.

Palavras-chave

Animismo. Fantasia. Ilusão. Objeto. Onipotência.

Summary

Notes on illusion in Freud's work

Thinking intensively on the relation between illusion and art, obliged Freud to review and depict the trajectory of the illusion in the subject life: it is derived from the infantile omnipotence of primary narcissism and wish hallucinatory realization, to become later available for the worlds of fantasy and playing. In view of reality exigencies, the object is recruited to support, from the very firsts moments of life, such a playground, stage and scenario of our soul. This conception provides the foundations of the main contribution of Winnicott.

Key-words

Animism. Fantasy. Illusion. Object. Omnipotence.

Daniel Delouya

Rua Capote Valente, 438/104 – Pinheiros

05409-001 – São Paulo – SP

Tel.: 11 3063-0018

delouya@terra.com.br

Psicanálise e estética: ressignificação de conflitos psicóticos e reciprocidade criativa

Antonio Sapienza*

*De manhã escureço
De dia tarde
De tarde anoiteço
De noite ardo.
A oeste a morte
Contra quem vivo
Do sul cativo
O este é meu norte.
Outros que contem
Passo por passo:
Eu morro ontem
Nasço amanhã
Ando onde há espaço:
– Meu tempo é quando.
“Poética I”, Vinícius de Moraes.*

mente, com vistas a promover a personalização em face de ameaças de despersonalização (Resnik, 2001).³

O livro *The vale of soulmaking*, de Meg Harris Williams (2005), reúne amplo leque de referências e constitui valiosa fonte para o estudo de modelos mentais do *self* criativo dos humanos; os capítulos oitavo, “Criatividade e contratransferência”, e nono, “Poética pós-kleiniana”, são admiráveis. A autora realiza fino trabalho de garimpagem objetivando o estudo das origens culturais enraizadas no mundo da Poesia, da Filosofia, da Mitologia, da Literatura, da Pintura, da Escultura, da Música, do Teatro, do Cinema e da Dança, e estabelece significativas pontes para o leitor interessado em investigar e acompanhar refinada metodologia poético-psicanalítica relacionada ao modelo “pós-kleiniano” da mente.

Passo a expor os fotogramas emocionais atinentes ao tema proposto.

Fotograma 1: A linda princesa presa num espaço blindado

Como acordar sem sofrimento?
Recomeçar sem horror?
O sono transportou-me
àquele reino onde não existe vida
e eu quedo inerte sem paixão.
Como repetir, dia seguinte após dia seguinte, a fábula inconclusa,
suportar a semelhança das coisas ásperas
de amanhã com as coisas ásperas de hoje?
Como proteger-me das feridas
que rasga em mim o acontecimento,
qualquer acontecimento
que lembra a Terra e sua púrpura
demente?
E mais aquela ferida que me inflijo
a cada hora, algoz
do inocente que não sou?
Ninguém responde, a vida é pétrea.
“Acordar, viver”, *Poesia completa*, Carlos Drummond de Andrade.

A analista, descontando o que reconhece de sua própria psicopatologia, resolve contar na sessão, num

Este texto dirige-se aos psicanalistas contemporâneos com experiência de prática clínica;¹ sua fonte mais explícita é a do cotidiano clínico, de onde foram extraídos, em diferentes épocas, cenas e recortes de sessões e supervisões analíticas, os quais serão apresentados como um conjunto de fotogramas. O termo “fotograma” é emprestado do psicanalista britânico Wilfred R. Bion (1991, I, p. 646) e será usado de acordo com a seguinte acepção: “um retrato analógico que registra fenômenos mentais como se vistos”.²

Assim, será apresentada uma montagem de quatro fotogramas e, por ser privilegiada a lógica intuitiva, serão denominados fotogramas emocionais. A partir de cada um deles desenvolvo um breve exercício, desde o vértice estético-psicanalítico, que visa à exposição de momentos em que se manifestam conflitos estéticos na parceria e a uma possível abertura para nós, os analistas, pensarmos caminhos de mobilização e suficiente ventilação para a expansão e a elaboração de reciprocidade estética (Williams, 2005).

As fontes de inspiração guardam íntima vinculação com a busca de continentes dotados de capacidade de *rêverie* (Sapienza, 1999) e sinalizam caminhos de pesquisa para reavivar nossas reservas de intuição treinada psicanalítica-

* Psicanalista pela Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

1 *The ethos of psychoanalysis*, p. 34.

2 Ao leitor interessado em aprofundar pesquisa de alguns conceitos ligados à obra de Bion apresentados neste escrito, destacarei alguns verbetes que podem ser encontrados no livro de autoria de Paulo Cesar Sandler (2005) e que estarão indicados em notas de rodapé.

3 “Theory of Schizophrenia” (Sandler, 2005, p. 659).

momento que considera propício, o seguinte sonho com sua analisanda: “Você estava só e perdida num espaço cósmico, isolada e como que blindada por um campo energético, extremamente aflita e sem conseguir emitir nenhum tipo de som e voz humanos; essa cena me lembrou uma parte de um dos episódios de *Guerra nas estrelas*, do cineasta George Lucas, em que uma nobre e bela princesa está bloqueada e inacessível, encerrada e aprisionada num campo de forças”.

A analisanda, em geral reservada, arredia e extremamente reticente, desfaz uma máscara facial de inexpressividade congelada e começa a verbalizar quando reconhece entrar em estados de mente semelhantes aos que lembram estados de catalepsia, quando o “acordar e sair da cama” se torna quase impossível. Diz ainda que sofre da seguinte vivência: na sessão, alguns de seus silêncios prolongados, após algumas falas da analista, correspondem ao seu “desaparecimento espiritual” da sala de análise. Resnik (2001) denomina o fenômeno ejeção por “transporte” maciço do *self* e liga a uma variante de *splitting* do funcionamento psicótico.

Na experiência clínica, poder-se-ia cogitar a captação de níveis não verbais dessa complexa fenomenologia de evanescência “espiritual”, como se ali permanecesse somente seu corpo “físico”; o fato é que o contato emocional se restabeleceu, com a exposição das configurações de imagens visuais “sonhadas” à distância pela analista, que utilizou como associação ao “sonho” uma produção cultural, ou seja, um fragmento de conhecido enredo cinematográfico. Abre-se a possibilidade de dar forma a uma vivência de conflito estético entre as duas pessoas, na sala de análise.

A comunicação do sonho “noturno” da analista para essa paciente poderia ter outros destinos. A não-comunicação eventualmente poderia também despertar outras repercussões tanto na analista como na parceria. Entre outras indagações, surge a seguinte: quais associações emergirão? Poderíamos ainda propor esta indagação para a analista: o que a inspirou a se decidir pela comunicação? Talvez, quando houvesse confirmação significativa com a analisanda, caberia à analista manter uma atitude crítica quanto a seus poderes mágicos magnéticos, charme e crença ilusória na onipotência de pensamento; ela poderia vir a ser “adorável” aos olhos da analisanda, e vice-versa, com a possibilidade de ambas permanecerem capturadas por ilusões de sedução narcisista. Consultem os ricos textos de Paul Claude Racamier (1992, 2001), em que certos jogos de farsa sexual, classicamente chamados de transferência erótica, são descritos com elegante senso crítico.

A investigação psicanalítica dessas duas direções

poderá abrir novas questões para a dupla analítica, tais como elementos aristocráticos, querendo a analisanda impor-se como extraordinária, e objetivando encantar e engolfar a analista, como “dupla de estrelas congeladas e aprisionadas pelo sucesso e fama”.

Se ambos ficarem cegos pelo pacto mortífero, haverá novamente a implosão da cena exposta e a desintegração das imagens que rastreiam o conflito estético e a destruição dos embriões de reciprocidade estética; os riscos de aborto de *insight*⁴ em análise serão devidos aos ataques comandados com êxito por uma *gang* de forças de narcisismo destrutivo na refinada descrição clínica de Rosenfeld (1971). Abrem-se desse modo estudos de correlação com a negatização de vínculos – menos conhecimento, menos amor e menos ódio –,⁵ instalando-se estados de suspensão da vida real. Esses estados de mente são expostos por Salomon Resnik no capítulo 3, intitulado “An attack of catatonic negativism”, de seu livro *The desilusional person*.

Fotograma 2: Complexo de Édipo e identidade analítica

Analista: Em poucas palavras, depois daquela sessão, a paciente me telefonou e disse que decidiu viajar e cancelar as sessões. E acrescentou que ia procurar tratamento psiquiátrico a fim de poder tomar lítio.

Bion: Há sempre uma abundância de coisas a fazer além da análise. E, se você não prescrever drogas à paciente, ela pode segui-las com alguma outra pessoa. O mesmo se aplica a interpretações que podem ser uma droga: se não obtiver com você o tipo de interpretação que espera, ela pode obtê-las de outro analista. Sua dificuldade consiste em reconhecer que você errou. Mas é igualmente importante reconhecer que você acertou. Dar a interpretação correta a um paciente pode levar ao término de análise tanto quanto dar a interpretação errônea. Assim, se essa paciente encontrar uma outra pessoa a quem prefira, ela poderá também descobrir que cometeu um erro ao se afastar de você.

É muito difícil avaliar a associação analítica. A experiência analítica requer disciplina e é desagradável – nem o analista nem o analisando podem fazer o que gostam. Há inúmeras alternativas sedutoras, mas o ofício de análise é árduo. Isso ajuda a explicar os motivos pelos quais os analistas devem descansar, devem ter algum outro tipo de vida que não seja analítica. É extremamente insatisfatório transformar a vida doméstica em uma espécie de psicanálise. Parece-me que alguns analistas com frequência falham em reconhecer que a análise é uma coisa muito boa para os analistas – se é isso que eles desejam. Mas se querem uma família, então não devem querer um tipo de museu psicanalítico. É extremamente irrefletido começar a interpretar as opiniões de maridos e esposas, e eu penso que esse deslize constitui um grande equívoco.⁶

Nesse trecho de supervisão escolhido, Bion (1987) ressalta a existência de riscos inerentes a cada sessão e sinaliza ao mesmo tempo que analistas podem “perder” pacientes, ainda que se trate de uma experiência desagradável.

O início dessa análise remonta a um fato ocorrido na mocidade da analisanda, quando, numa madrugada, ela adentrou o mar aberto em estado onírico, alegando ouvir cantos estranhos de uma voz masculina que queria possuí-la. Um namorado atento a seguia e conseguiu retirá-la semi-afogada dessa busca de fusão oceânica, atribuída pela jovem a um boto fantasmagórico.

Outra reconstrução bastante estilhaçada corresponde ao suicídio de seu padrasto, que, endividado e humilhado por antigos sócios, explodiu a cabeça com um tiro de revólver. Aos poucos, a analisanda volta a ter condições de sonhar, com o esboço de incursões em pesadelos em que resgatava a imagem de corpos putrefatos e nau de pescadores molambentos, semelhantes às descrições de Samuel T. Coleridge (1772-1834) em “A balada do velho marinheiro” (2005). Nesse enredo, o conto se inicia com as preliminares de um casamento, em que o velho marinheiro narra a um jovem as vicissitudes de sua experiência nas turbulências do mar. O fantasma de um albatroz abatido atormenta os ocupantes do navio, que perdem assim a direção restauradora da vida.

Poder-se-iam cogitar remanescentes de estado de mente “pré-natal” de natureza catastrófica, no cenário clínico que envolve a paciente na praia e no mar, à beira de fusões oceânicas, bem como a dos marinheiros no navio sem rumo da poesia de Coleridge, com a busca de um porto seguro para atender a um naufrágio mental, com alternâncias de melancolia agitada e triunfo maniaco exaltante, com fundo fortemente masoquista.

Dentro do modelo biológico cardiorrespiratório, penso que o contato mais profundo com esse precário e frágil estado de *self* “expirado” irá requerer do analista a profunda capacidade de esvaziar voluntariamente o próprio *self* e colaborar com as forças de vida capazes de restaurar as figuras parentais do mundo interno, fontes originárias de inspiração que possibilitem incursões e a travessia da posição depressiva. O analista é tratado como “Satanás” – Belo Anjo Rebelde Decaído – ou como “Cristo Salvador” – Messias Redentor –, ambos suavemente implacáveis.

Mas será isso suficiente para o analista reconstruir uma ponte que dê suporte a um estado de mente dilacerado, desgovernado, sem pilotagem diante das tormentas bruscas entre Narcis-ismo ↔ Social-ismo?⁷

A sintonia para atravessar as barragens bem montadas da “caverna autista” da analisanda requererá incursões corajosas e precisas da dupla, as quais possibilitarão o seu “renascer”, para que possa voltar a “sonhar” e a existir, deixando de ser uma “morta-carregando-a-viva” – persona-

gem fantástico do folclórico bumba-meu-boi, representado por um ator mascarado, com o torso de um boneco na frente e os membros inferiores atrás, dando a impressão de que o inanimado carrega o animado.

Segredos de família põem sob suspeita vínculos de amor e de verdade, forçando um idílio e a esterilização do par analista e analisanda, bem como eliminando a fecundidade e o aparecimento do “Messias”, que desencadearia o término do idílio; o terceiro ou a novidade não poderá nascer e encarnar-se e, se conseguir, será assassinado como inocente vítima de “Herodes” na moita. Haverá figuras de proteção que exercerão essa função de proteger o bebê? O artigo de Luis Carlos Junqueira Filho e Antonio Sapienza amplia essas perguntas (2004).

Será que a capacidade de renunciar à onipotência ilusória de “garantias programadas e controles absolutistas” da existência humana permitirá a preservação firme e estável de consciência da tragédia humana (Davis, 1999), com moral e espírito elevados, com a ruptura do destino de amargas prisões melancólicas e de exuberantes evasões maníacas? O historiador e ensaísta político norte-americano Walter A. Davis explora de modo valioso o terrorismo, o fanatismo e o uso da bomba atômica contra a população civil de Hiroshima e Nagasaki, em agosto de 1945.

Será ainda que a realização da renúncia voluntária a que nos referimos acima constituirá estimulante recurso de busca no cotidiano capaz de ampliar a criatividade? Quais as fontes de inspiração para nos ajudar a pensar e modular as diferenças entre polaridades de radicalismo e metas como “sucessos”, fugas de “fracassos” e de “depressão”? Nosso olhar psicanalítico terá que apurar parâmetros complexos para medir o “crescimento mental”.

Recente texto do psicanalista australiano Neil Maizels (1996) abre interessantes incursões para o que ele denomina “posição espiritual”, com propostas que suscitam reflexões críticas e indagações relativas ao aprofundamento e a travessias da posição depressiva.

Fotograma 3: Gêmeo imaginário e cripta

Não tenho razão? Tu que achaste a vida tão amarga depois que provaste a minha, pai; a infusão opaca do meu destino, e, enquanto eu crescia, continuaste a prová-la; e, fascinado pelo ressaibo do meu futuro, examinaste meu olhar embaciado, tu, meu pai, que, mesmo morto, muitas vezes vens misturar tua angústia à minha esperança íntima, e, sereno, renuncias aos reinos da serenidade, – privilégio dos mortos, só pelo pouco que é meu destino, – não tenho razão? Não tenho razão, vós que me amastes pelo tímido esboço

4 “Reversible perspective” (Sandler, 2005, p. 647).

5 “The realms of minus” (Sandler, 2005, p. 476).

6 Tradução livre do autor.

7 “Narciss-ism ↔ Social-ism” (Sandler, 2005, p. 518).

de amor que vos tinha, e, do qual sempre me afastava, pois o espaço em vossas faces, enquanto o amava, transformava-se em espaço do mundo, vazio de vossa presença?

“A quarta elegia de Duíno”, *Os sonetos de Orfeu; Elegias de Duíno*, Rainer Maria Rilke.

Aproxima-se o final de uma análise; o término vem acompanhado de estranhos pressentimentos, em que o analisando teme por sua sobrevivência e é invadido por temores de ser acusado de “assassinato” caso o analista venha a morrer ou sofrer alguma deterioração de ordem física e mental, em futuro próximo.

Passo a apresentar duas vinhetas desse período de análise.

Primeira vinheta:

A interação entre ambos é tomada por angústias de fatalidade mortífera. O analista expõe ao analisando sua “visão” quanto à presença de um espectro paterno, que atormenta seu filho, o príncipe Hamlet, exigindo-lhe que inspecione a conduta da rainha e não a deixe em paz, pois, em cumplicidade com o irmão do rei, ela teria planejado o assassinato do marido e o concretizado.

O analista está disponível para desarmar essa perseguição comandada por humilhações, ressentimentos e vinganças enlouquecidas e enlouquecedoras. “A diferença com Hamlet consiste no fato de você, meu paciente, estar encontrando um analista que, com sua ajuda, irá desarmar esse suspense e esse trágico complô macabro.”

Segunda vinheta:

O analisando começa a reviver mais intensamente certo grau de terror-com-nome, quando o analista acolhe a atribuição de poder conter facetas tanto do pai morto como de um irmão precocemente falecido na infância. Vai-se delineando uma transferência fantasmagórica ou *ghost transference* (Bion, 1991b, p. 615: “ghost”, I.40; II.4; II.19) bastante complexa; e agora o analista se vê às voltas com um modelo mental de esgrima diante de um duplo luto na cripta familiar. Quase simultaneamente, analista e analisando se lembram, por meio de reminiscências, de lutas pela posse do analista misto de fantasma paterno-fraterno na disputa pelo “favoritismo da mãe” e por sua posse enquanto “esposa e amada-amante”.

A dinâmica da mesma sessão se volta então para o analista, tratado como dono absoluto da psicanálise e que irá exilar o analisando, sem caminho de volta.

Em ambas as situações descritas nas vinhetas, dá-se a emanção de dois modelos de cesura, envolvendo uma mudança catastrófica e soluções criativas para a parceria na experiência analítica. Vale a pena ressaltar que há no terrorismo autista uma circularidade unindo a cesura de nascimento e a cesura de morte, com o fechamento opressivo da espacialida-

de e da temporalidade; está bloqueada a espiral que permite a libertação de uma existência respirável e criativa.

O primeiro modelo relaciona-se ao mundo pré-natal, com perspectivas de nova vida fora do útero materno e fantasias de separação do continente aquático materno, o qual regressivamente poderia atraí-lo e transformá-lo em feto mumificado na tumba familiar.

O segundo modelo de cesura ganha significado ao irromper a “ilusão” delirante em que o analista poderia tomar as vestes de identidade absolutista, equiparado ao senhor dos mistérios e do saber da psicanálise, qual Pai da horda primitiva de Totem e Tabu (Freud, 1913/1955), castrando, perseguindo e castigando o analisando definitivamente, impedindo-o de se legitimar, caso deseje, no presente ou no futuro, exercer as funções de psicanalista.

A psicanálise é confundida ora com a Mãe total uterina, sufocante e voraz exterminadora da virilidade criativa, ora com o Gorila, Pai da horda primitiva!

Em face da leitura da interação analítica nas duas vinhetas, insinua-se a possibilidade de elaborar um complexo entranhamento narcisista, calcado no modelo relacional de gemelaridade imaginária (Bion, 1967/2004). Esse enovelado entretém lutos intermináveis, com forte persecutoriedade que mantém os aprisionamentos da personalidade, tomada por fenômenos de adição, penitência, inibição, cega rebeldia e submissão fetichista diante da Grande Mãe e/ou do Pai Patrão.

O trabalho de luto deverá alcançar o desenraizamento (Davis, 1999) desse núcleo traumático, para que então ocorra a liberdade e se dêem distanciamentos vitalmente cordiais, com atualização de espacialidade e da temporalidade para as duas pessoas envolvidas na situação descrita.

Penso que o texto “O gêmeo imaginário” (Bion, 1967/2004), com o qual Bion faz sua passagem em 1950 como membro da Sociedade Britânica de Psicanálise, nos permite preciosas correlações evocativas com a configuração psicodinâmica exposta neste intrincado fotograma emocional.

Em comentários ao seu artigo, no texto final de *Second thoughts*, Bion (1967/2004) destaca o caráter de natureza elaborativa (*working-through*) de sua experiência clínica desde 1950, e agora, na condição de escritor do texto, propõe outra leitura de seus escritos anteriores à luz de concepções psicanalíticas renovadas e de novos vértices de observação. Em seus comentários (Bion, 1967/2004, p. 122), ele enfatiza ainda que:

A experiência da comunicação do paciente e da interpretação do psicanalista é inefável e essencial, e essa qualidade desempenha um papel vital em qualquer interpretação dada ao paciente psicótico, cuja reação depende mais da qualidade da interpretação do que de seu significado verbal.⁸

Fotograma 4: Reciprocidade estética e nó górdio

Fernando: “Há alguns jogos que são penosos e cuja fadiga lhes dá mais atrativo. Certas humilhações podem ser suportadas nobremente e os procedimentos mais mesquinhos, indicar os mais ricos fins. Este trabalho mesquinho seria para mim tão insuportável quanto odioso, mas o amor, a quem estou servindo, vivifica-o de modo que transforma meus labores em prazeres”. Ato III. Cena Primeira (p. 940).

Próspero: “... as altas torres, cujos cimos tocam as nuvens, os suntuosos palácios, os solenes templos, até o imenso globo, sim, e tudo quanto nele descansa, dissolver-se-á e, como este cortejo insubstancial acaba de sumir, sem deixar atrás de si o menor sinal. Somos feitos do mesmo material que os sonhos e nossa curta vida acaba com um sono”. Ato IV. Cena Primeira (pp. 951-952).

Próspero: “Se quiserdes que vossos pecados sejam perdoados, deixai que vossa indulgência me absolva”. Epílogo (p. 962).

“A tempestade”, *Obra completa*, William Shakespeare.

O fotograma final, ainda que extremamente sintético, servirá como uma certa despedida entre quem escreve e o leitor.

A analista propõe a seguinte “construção” (Freud, 1937/1964) ao analisando, usando o modelo literário descrito por Guimarães Rosa em *Grande sertão: veredas*,

Há um padrão em sua atitude para comigo em que você se movimenta, qual o personagem e chefe de bando Tatarana. Quem sabe me tome como o antigo companheiro de armas e travestido jagunço Diadorim. Mantenho, porém, esperanças de que, diferentemente do desfecho na narrativa do romance, você consiga descobrir que sou mulher, ainda antes de minha morte!

Essa breve formulação manifesta sem dúvida fina sensibilidade e precisa linguagem de realização (Bion, 1970) usada pela analista dotada de compaixão,⁹ amor à vida e consideração pela verdade.

Estabelece-se na parceria um intenso conflito de natureza estética.

Há um profundo silêncio na sala – “Meu coração restava cheio de coisas movimentadas”.

Tomado pelo temor da cobrança de investimentos amorosos, em que gratidão e culpa se potencializam, o analisando, qual Riobaldo, responde: “Torço para que essa metamorfose possa libertar a nós dois dos resíduos de juras de fidelidade até a morte”.

A analista responde: “Penso que você e eu estamos conseguindo uma libertação de jugos radicais!”. De modo conciso, estabeleceu-se um clima que permitiu a expansão responsável por propiciar um momento de reciprocidade estética – “Mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende”.

⁹ “Compassion” (Sandler, 2005, p. 60).

¹⁰ “Absolute truth” (Sandler, 2005, p. 21).

⁸ Tradução livre do autor.

O caminho da reciprocidade estética afina os instrumentos de humanidade da parceria e permite-nos estabelecer uma diferença entre a Estética de compromissos indissolúveis e a Ética da Verdade Absolutista.¹⁰

Certos encontros humanos favorecem a aproximação da categoria de admiração por Fontes de Inspiração, que poeticamente ganham o grau de Musas de um Panteão, na descrição de Meg Harris Williams (Williams, 2005). O tempo da acuidade crítica nos ensina ainda a discernir que o Panteão pode conter também um Pandemônio, igualmente útil para desfazer ilusórias crenças de onipotências e onisciência como drogas e venenos, alimentadores de idolatrias, deslumbramentos de êxtase eterno e aprisionamentos idílicos!

No exercício analítico encontramos realizações dessa microscopia dos afetos e, quando prevalecem os vínculos de natureza de amor pela vida e consideração por verdades, entramos numa senda em que ocorrerá a abertura de clareiras a expor a beleza do encontro humano e nossos temores subliminares. O diálogo apresentado demonstra o desatamento de um mal-entendido na contratransferência, qual “nó górdio” de fascinante sublimação, restringida por heroísmos equivocados e inculpação por sacrifícios da própria feminilidade, quando a analista consentiu em funcionar no excesso da paixão de entusiasmo vibrante e agora, com a colaboração do analisando, poderá despojar-se da máscara de “mulher-macho”, reivindicando créditos de supostas indenizações.

João Guimarães Rosa (1908-67) temia morrer caso assumisse a cadeira para a qual fora eleito como membro da Academia Brasileira de Letras e, por essa razão, postergou essa legitimação por quatro anos; quando se decidiu pela posse, deu-se a paradoxal realização de seu presságio, vitimado que foi por fulminante ataque cardíaco – “Viver é muito perigoso!”.

Tomarei de empréstimo os versos finais da canção “Se todos fossem iguais a você”, de Antônio Carlos Jobim e Vinícius de Moraes, os quais apontam para as qualidades de seres humanos que nos ajudam a pensar nossas aflições e a nos renovar, mesmo em ausência sensorial e física, através da aventura contínua pela busca de novos significados:

Existiria a verdade,

Verdade que ninguém vê

Se todos fossem no mundo iguais a você.

Referências

- Andrade, C. D. de (2003). Acordar, viver. In C. D. de Andrade. *Poesia completa* (p. 1394). Rio de Janeiro: Nova Aguilar.
- Bion, W. R. (1970). Prelude to or substitute for achievement. In W. R. Bion, *Attention and interpretation* (pp. 125-130). London: Tavistock.

- Bion, W. R. (1987). *Clinical seminars and four papers*. Abington: Fleetwood Press.
- Bion, W. R. (1991a). *A memoir of future*. London: Karnac Books.
- Bion, W. R. (1991b). A key. In W. R. Bion, *A memory of the future* (pp. 579-677). London: Karnac Books.
- Bion, W. R. (2004). Imaginary twins. In W. R. Bion, *Second thoughts* (pp. 3-22). New York: Jason Aronson. (Trabalho original publicado em 1967).
- Coleridge, S. T. (2005). *A balada do velho marinheiro* (A. C. de Franca Neto, trad.). São Paulo: Ateliê.
- Davis, W. A. (1999). *Deracination: historicity, Hiroshima and the tragic imperative*. New York: State University University Press.
- Freud, S. (1955). Totem and taboo. In S. Freud, *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud* (J. Strachey, trad., Vol. 13, pp. 1-162). London: Hogard Press. (Trabalho original publicado em 1913).
- Freud, S. (1964). Constructions in analysis. In S. Freud, *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud* (J. Strachey, trad., Vol. 23, pp. 257-269). London: Hogard Press. (Trabalho original publicado em 1937).
- Maizels, N. (1996). Working through, or beyond the depressive position: Achievements and defences of the spiritual position, and the heart's content. *Melanie Klein and Object Relations*, 14, 143-176.
- Moraes, V. (2005). Poética I. In *Nova antologia poética*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Racamier, P. C. (1992). *Le génie des origines*. Paris: Payot.
- Racamier, P. C. (2001). *Les schizophrènes*. Paris: Payot.
- Resnik, S. (2001). *The delusional person*. London: Karnac Books.
- Rilke, R. M. (2002). A quarta elegia de Duíno. In R. M. Rilke, *Os sonetos de Orfeu; Elegias de Duíno* (p. 149) (K. Rischbieter, trad.). Rio de Janeiro: Record.
- Rosenfeld, H. (1971). A clinical approach to the psychoanalytic theory of the life and death instincts: An investigation into the aggressive aspects of narcissism. *International Journal of Psychoanalysis*, 52, 169-178.
- Sandler, P. C. (2005). *The language of Bion: a dictionary of concepts*. London: Karnac Books.
- Sapienza, A. (1999). O trabalho de sonho alfa do psicanalista na sessão: intuição-atenção-interpretação. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 33 (3), 423-430.
- Sapienza, A. & Junqueira Filho, L. C. U. (2004). *Fatores na conjunção e disjunção da parceria fértil e criativa*. Trabalho apresentado em Bion 2004, São Paulo, 15-18 julho.
- Shakespeare, W. (1989). A tempestade. In W. Shakespeare. *Obras completas* (Vol. 2). Rio de Janeiro: Nova Aguilar.
- Williams, M. H. (2005). *The vale of soulmaking*. London: Karnac Books.

Resumo

Fontes de inspiração que habitam os universos da estética e da psicanálise são usadas para construir modelos mentais destinados a abordar conflitos emocionais de natureza psicótica. A exposição clínica é realizada sob a forma de fotogramas emocionais. Estudam-se movimentos da

dupla analítica na função para ressignificar bloqueios psicotizantes, visando reabrir o caminho do diálogo analítico e permitir uma aprendizagem de reciprocidade criativa, como suportes para o crescimento mental.

Palavras-chave

Fontes de inspiração. Fotogramas emocionais. Reciprocidade criativa. Ressignificação de conflitos psicóticos.

Summary

Psychoanalysis and aesthetics: Resignification of psychotic conflicts and creative reciprocity

Sources of inspiration that inhabit the universes of Aesthetics and Psychoanalysis are used to construct mental models viewing to approach emotional conflicts linked to psychotic levels. The clinical exposition is made through emotional photograms. Movements of the analytical couple are studied related to the function for resignifying psychotic blockages and so to restate the analytical dialogue and to promote creative reciprocity, as basis to mental growth.

Key-words

Sources of inspiration. Emotional photograms. Creative reciprocity. Resignification of psychotic conflicts.

Antonio Sapienza
Rua Helena, 285, cj 53 – Vila Olímpia
04552-050 – São Paulo – SP
Tel.: 11 3045-0804
antsap@uol.com.br

Lealdades reconciliadas: ilusão e realidade

Ester Hadassa Sandler*

*Não sou nada.
Nunca serei nada.
Não posso querer ser nada.*
Fernando Pessoa, 1928/1998b, p. 186.

Quando uma criança é capaz de brincar, sei que meu trabalho como analista está bem encaminhado e não irá diferir, em essência, do trabalho de análise com um paciente adulto que seja capaz de falar o que está pensando e sentindo, de contar um sonho, de associar livremente.

Deixo que minha atenção flutue livremente, permito que minha escuta seja levada para cá e para lá ao sabor do trânsito de afetos e idéias; ou então que se detenha nos obstáculos e desvios oferecidos por relutâncias e resistências. Quando possível, intervenho. Posso afirmar, com Winnicott (1969/1975a, 1969/1975b), que estou perante uma pessoa que já aprendeu a usar um objeto e, assim, posso desempenhar com razoável conforto minha função analítica.

Contudo, nunca deixo de me surpreender com o mistério que leva uma criança a “esquecer” que sou adulta e estranha; que a faz ser bem-sucedida ao criar e manter comigo uma relação tão especial e íntima quanto a relação analítica, e ainda saiba diferenciá-la claramente de outros tipos de relação com adultos, como as que estabelece com parentes e professores.

Por outro lado, existem crianças – e seus equivalentes em forma adulta – que precisam ser estimuladas ou até “ensinadas” a brincar. E o que se oferece ao analista é um espaço vazio de sentidos e de significados. Às vezes, até mesmo a existência do espaço “vazio” parece duvidosa, espaço mental – é bom que se diga – em que idéias e afetos precisam nidar para então germinar e se desenvolver. O espaço pode ser incipiente, ou estar atrofiado, colabado, atravancado por uma espécie de entulho, proveniente de desastres e desmoronamentos anteriores. Nesses casos, uma trilha terá de ser aberta, escorada e pavimentada antes que uma relação possa se dar, e muito antes que um caminho interpretativo possa ser percorrido.

Mas é ainda outra a configuração que irei focar aqui e que irá me ajudar a refletir sobre o tema da ilusão,

mais especificamente sobre a natureza e algumas possíveis funções por ela desempenhadas.

Convido o leitor a imaginar a seguinte cena: Penélope, quatro anos de idade, está na ante-sala de meu consultório, sob a mesa da secretária. Já estamos assim há uns quinze minutos. Eu a chamo e ela não reage à minha presença. Está de gatinhas, imitando um gato, miando e lambendo o chão. Então, eu me agacho para poder alcançá-la embaixo da mesa e brinco com ela: “Vem cá, gatinho; vem cá, bichano...”

Ela se levanta furiosa e diz: “Você não vê que eu não sou um gato? Eu sou uma pessoa de verdade”. E volta a miar, inarredável; eu, desarvorada, fico a ver navios...

João costuma responder rápida e incisivamente às minhas tentativas de entrar na brincadeira; assim: ele não escuta o que tenho a lhe dizer e prossegue em seus solilóquios: “Essa é a sua voz! É você que está falando!”; fica entre perplexo e indignado, quando tento personificar algum personagem em suas brincadeiras solitárias e silenciosas; às vezes demonstra desprezo: “Dinossauros não falam!”; explica algo que, obviamente, eu deveria saber: “Esse dinossauro é de brinquedo, ele não é vivo”; faz o mesmo quando tento personificar seu irmão, claramente representado em algum jogo: “Meu irmão não fala!”

À primeira vista, a capacidade para fantasiar e brincar existe; o que não está disponível é a possibilidade de usá-la para se relacionar com outra pessoa. Em razão disso, torna-se difícil avaliar também a natureza psíquica dessa atividade e a que se prestam, em termos internos, esses conteúdos expressos com qualidades de negação e recusa. Valho-me de algumas observações para fazer as conjecturas que se seguem.

A presença de certas características repete-se no trabalho com outras crianças. A primeira delas é que tanto o espaço mental como seu conteúdo em termos de pensamentos, afetos e fantasias parecem relativamente desenvolvidos e preservados. No entanto, a impressão é de serem usados sobretudo para alimentar um estado de alucinação, ficando estanques para outras finalidades, como para uma brincadeira a dois. Bastante inteligentes, bem-falantes e possuidores de algumas habilidades surpreendentes, em especial de memória, essas crianças parecem ter perdido algo de essencial pelo caminho; as razões, posso apenas especular.

* Psicanalista pela Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.